

Referências Culturais do Município de Ibirité: As práticas pedagógicas da Helena Antipoff em um diálogo com o texto expográfico do Museu Helena Antipoff

Cultural References of the Municipality of Ibirité: Helena Antipoff pedagogical practices in a dialogue with the exhibition text of the Helena Antipoff Museum

Luísa Teixeira Andrade

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (Fae/UFGM);
Profa. da Faculdade de Educação, Ibirite UEMG
Email: lteixeiraa@hotmail.com



Paula Dantas de Oliveira Pelitzer

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais
Email: paula.pelizer@gmail.com



Vagna Aparecida Carvalho Pereira

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais
Email: carvalhovagna123@gmail.com



Recebido em: 10/11/2019 – Aceito em 31/12/2019

Resumo: Esse trabalho compõe uma das dimensões da pesquisa “Bens culturais de natureza material e imaterial do Município de Ibirité: pesquisa e produção de inventários e materiais didáticos” desenvolvida durante os anos de 2018 e 2019 na Universidade do Estado de Minas Gerais que buscou construir um inventário de bens culturais de Ibirité a partir de uma perspectiva ampliada de patrimônio que inclui bens de natureza material e imaterial e sujeitos sociais diversos. Investigando os bens culturais do município de Ibirité, chegamos à Fundação Helena Antipoff e às práticas educativas protagonizadas por Helena Antipoff no contexto da fazenda do Rosário como bens imateriais significativos do Município de Ibirité e merecedores de análise pormenorizada ao conter princípios pedagógicos que sustentam os pilares da educação atual. Desse modo, neste artigo ajustamos nossas lentes para as práticas educativas implementadas por Helena Antipoff e para as relações que o texto expográfico do Museu Helena Antipoff, localizado na Fundação, estabelece com tais práticas. Nosso estudo de cunho exploratório constatou a notória influência de Helena Antipoff na vida dos cidadãos ibiritenses bem como o papel significativo do Museu para a continuidade do legado da Helena Antipoff nas práticas educacionais locais e no Brasil.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas; Helena Antipoff; Espaço Museal

Abstract: This work consists of one of the dimensions of “Cultural material and immaterial heritage of the municipality of Ibirité: research and production of inventories and teaching materials” research developed during the years 2018 and 2019 at the State University of Minas Gerais that sought to build an inventory cultural assets of Ibirité from an expanded perspective of heritage that includes material and immaterial heritage and diverse social subjects. Investigating the cultural assets of the municipality of Ibirité, we reached the Helena Antipoff Foundation and the educational practices carried out by Helena Antipoff in the context of Fazenda do Rosário as significant immaterial assets of the Municipality of Ibirité. Thus, in this article, we adjust our lenses for the educational practices implemented by Helena Antipoff and for the relations that the Helena Antipoff Museum’s expographic text, located at the Foundation, establishes with such practices. Our exploratory study found Helena Antipoff’s notorious influence on the lives of Ibirité citizens as well as the Museum’s significant role in continuing Helena Antipoff’s legacy in local educational practices and in Brazil.

Keywords: Pedagogical Practices; Helena Antipoff; Museums

Introdução

Pensar em Patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes, os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital e todas as formas de espiritualidade da nossa gente. O intangível, o imaterial” (Gilberto Gil).¹

No campo do patrimônio cultural, durante décadas, predominou no Brasil, uma atuação preservacionista atrelada aos bens de *pedra e cal*: igrejas, prédios, conjuntos urbanos, monumentos. Nos últimos anos, contudo, o debate sobre o tema se expandiu. As portas do patrimônio cultural foram forçadas por novos sujeitos sociais, que puseram em marcha a reformulação do conceito. O decreto 3.551, de 2000, que institui o inventário e o registro dos patrimônios imateriais e intangíveis, consagra a nova perspectiva. A concepção iluminista de cultura como civilização e erudição dá lugar a um conceito antropológico, no qual a diversidade figura como eixo. Nesse contexto, segmentos sociais diversos reivindicam lugar de destaque para manifestações culturais distintas. As grandes narrativas nacionais e épicas fraquejam, ao mesmo tempo em que as narrativas urbanas, regionais e locais entram em cena. Amplia-se o acesso e registro de narrativas locais por uma micro-história (REVEL, 1998), renovando-se os discursos e estratégias de utilização dos bens culturais para as práticas didático-pedagógicas.

Na confluência dessas mudanças, emerge esse trabalho que compõe uma das dimensões da pesquisa “Bens culturais de natureza material e imaterial do Município de Ibité: pesquisa e produção de inventários e materiais didáticos” desenvolvida durante os anos de 2018 e 2019 na Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ibité sob nossa coordenação e participação como bolsistas de Iniciação Científica. Esta pesquisa teve como objetivo construir um inventário de bens culturais de Ibité a partir dessa perspectiva ampliada de patrimônio que inclui bens de natureza material e imaterial e sujeitos sociais diversos. Essa perspectiva ampliada sustenta-se em estudos desenvolvidos por autores e publicações de trabalhos que, direta ou indiretamente, problematiza[ra]m o estudo das práticas educativas de memória e de patrimônio sob a ótica da História local: Mario Chagas, Marta Abreu, Francisco Regis Ramos; Júnia Sales Pereira, Lana Mara Siman, entre outros². Para construir esses inventários emergimos nas práticas culturais dos sujeitos sociais de Ibité, a partir de pesquisa de campo e documental, buscando desvelar patrimônios, práticas de memória que conformam as identidades locais e que não se resumem aos sítios de pedra e cal. O convite da pesquisa foi pensar na dimensão simbólica desses sítios de pedra e cal para os sujeitos sociais e a memória local de Ibité, além de dar voz a outros patrimônios, muitas vezes invisíveis, que conformam o cotidiano e as práticas culturais das “gentes” de Ibité como os “costumes”, os “saberes”, os “sabores” a que chama atenção o então ministro da cultura Gilberto Gil na epígrafe acima.

Investigando os bens culturais, materiais e imateriais do município de Ibité, chegamos à Fundação Helena Antipoff. Pesquisando a Fundação, identificamos práticas educativas protagonizadas por Helena Antipoff no contexto da fazenda do Rosário como bens imateriais significativos do Município de Ibité e merecedores de análise pormenorizada ao conter princípios pedagógicos que sustentam os pilares da educação atual. Desse modo, neste artigo ajustamos nossas lentes para

¹ Este depoimento de Gilberto Gil encontra-se no artigo Educação e Patrimônio Cultural: por uma nova atitude, de Luiz Fernando de Almeida, atual presidente do IPHAN/Ministério da Cultura, publicado na Revista Por Dentro da História, ano I, no I, Contagem Prefeitura Municipal de Contagem.

² Esta proposta de pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa CNPq “Polis e Mnemosine: cidade, memória e educação”, do programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, sob coordenação da professora Lana Mara de Castro Siman.

a práticas educativas implementadas por Helena Antipoff e para as relações que o texto expográfico do Museu Helena Antipoff, localizado na Fundação, estabelece com tais práticas. No entanto, antes de focar o objeto deste artigo, percorreremos o trajeto da pesquisa até chegar na Fundação Helena Antipoff.

Bens Culturais de Natureza Material e Imaterial do Município de Ibitaré

Para realizar o inventário fizemos observações de campo dos bens culturais, materiais e imateriais do município, utilizando-se da descrição etnográfica nos diários de campo após as visitas realizadas. Através da observação direta foi possível realizar a entrevista, dentro de uma perspectiva de participação-observação, com um dos agentes do setor público da área de Patrimônio histórico e cultural do Município de Ibitaré.

Os referenciais teóricos considerados como base para inventário e análise dos Bens culturais de natureza material e imaterial do Município de Ibitaré foram: O manual de Inventário do Patrimônio Cultural do IPHAN e as diretrizes do Programa de Educação Patrimonial do IEPHA. O texto “*Inventário Nacional de Referências Culturais*”, que faz parte de um manual de aplicação do departamento de identificação e documentação IPHAN, trouxe discussão sobre a identificação de novos bens culturais representativos dos diferentes grupos sociais e a construção de instrumentos e métodos adequados a sua pesquisa e valorização. Após a promulgação da Constituição de 1988 houve a necessidade de superar a dicotomia entre os bens de pedra e cal e as demais manifestações culturais do cotidiano. No ano de 1995, o Departamento de Identificação e Documentação (DID) patrocinou um encontro de inventários de conhecimento no Rio de Janeiro, com a apresentação e exposição de experiências de inventários. No mesmo trabalho, em parceria com a Superintendência Regional de Minas Gerais, o DID realizou uma experiência de Inventário de Referências Culturais. No ano de 1997 foi realizado também o seminário do Patrimônio Imaterial. Todos esses movimentos foram responsáveis para, a partir da década de 70, a mudança dos critérios adotados pelo IPHAN para definição de patrimônio. Cria-se então o termo “referências culturais”, para abordar uma visão da cultura que enfatiza a diversidade e não somente a produção material, como também dos sentidos e valores atribuídos pelos diferentes sujeitos a bens e práticas sociais. Só se constitui referências culturais quando são consideradas e valorizadas enquanto marcas distintivas por sujeitos definidos.

São considerados como patrimônios culturais de Ibitaré, segundo relatórios públicos e inventários de tombamento com base nas novas referências culturais: *Festa do Milho; Congado; Folia de Reis; Capela Nossa Senhora do Rosário; Gruta de Nossa Senhora Aparecida; Museu da Estação Ferroviária de Ibitaré; Fundação Helena Antipoff; Altar do Santíssimo Sacramento; Fazenda Mato Grosso; Casa Sede ADAVE e Túmulo Helena Antipoff*. A Festa do Milho foi criada em 1948 por inspiração de Helena Antipoff na Fazenda do Rosário como consagração do trabalho de campo. O Congado tem origem incerta na cidade de Ibitaré, segundo relatos de antigos moradores no século passado. Sobre a Folia de Reis em Ibitaré, existe um grupo intitulado “Folia de Reis Jesus, Maria e José”, mantido pelo senhor Lindolfo dos Santos e o filho Adolfo dos Santos. A Capela Nossa Senhora do Rosário localiza-se no Bairro do Rosário, na Associação Pestalozzi em Minas Gerais pertencente à Fazenda do Rosário, e sua construção teve início em 1942. A Gruta de Nossa Senhora Aparecida foi criada com a remoção de um cruzeiro existente no local, nos anos de 1967 e 1970, quando o padre José Campos Taitson sugeriu que o prefeito construísse uma gruta em

Dossiê:
A História da Arte e das Artes Plásticas nas narrativas sobre curadorias e exposições

homenagem a Nossa Senhora. O Museu da Estação Ferroviária de Ibitité encontra-se na Estação inaugurada em 1917, e em 1973 passou a ser ponto de saída do Ramal Águas Claras, construído pela RFSA para carregamento de minério. São patrimônios culturais do Município de Ibitité também: Altar do Santíssimo Sacramento, Fazenda Mato Grosso, Casa Sede ADAVE e a Fundação Helena Antipoff, que será foco de análise do próximo subitem.

A Fundação Helena Antipoff

Pincer (2008), relata que em 1950 foi criado o Serviço de Orientação Técnica – SOTER – para escolas de áreas rurais e a chefia foi entregue à professora Helena Antipoff, até 1953. Entre 1949 e 1955, aconteceram na Fazenda do Rosário – Ibitité, seminários brasileiros de Educação Rural com o objetivo de debater problemas rurais e buscar melhoria do ensino e formação para desenvolvimento de recursos humanos. O seminário realizado em 1951 reuniu educadores de várias regiões do Brasil, e durante os trabalhos foi elaborado o projeto do Instituto de Educação Rural – ISER – que, em 14 de agosto de 1955, se tornou realidade. Em consequência da aprovação do Projeto do ISER pelo então Secretário de Estado da Educação, Dr. Odilon Behrens, e por exigência do MEC. Para Pincer (2008, p. 48) “A aprovação do projeto se deu pelo então Secretário de Estado da Educação, Odilon Behrens, que, por exigência do Ministério da Educação, adquiriu uma gleba de 73. 130 m², para a construção do prédio”.

Ainda segundo Pincer (2008), a construção da Fundação foi iniciada com verba do Fundo Nacional do Ensino Primário, através do INEP e, em 14 de agosto de 1955, o prédio foi oficialmente inaugurado. A autora também expõe que em setembro de 1968, o Dr. Samuel da Rocha Barros, membro do Conselho Estadual de Educação e diretor do Ensino Médio e Superior da Secretaria de Estado da Educação, empenhou sua palavra em legalizar a situação do ISER, transformando-o em uma Fundação Estadual de Educação Rural, conforme aconteceu através da Lei no 5.446, de 25 de maio de 1970, que criou a Fundação Estadual de Educação Rural Helena Antipoff – FEER – denominada Fundação Helena Antipoff pela Lei no 7.303, de 21 de julho de 1978. Seguindo a disposição tradicional das escolas desta época, o prédio da Fundação Helena Antipoff apresenta pavilhões com extensos corredores de acesso às salas de aula.

O Museu Helena Antipoff, situado na fundação de mesmo nome, mantém acervo arquivístico, bibliográfico e tridimensional relacionado à vida e obra da pesquisadora Helena Antipoff. A Fundação Estadual de Educação Rural “Helena Antipoff”, transformou o local e moradia da Professora em “Sala Helena Antipoff”. O que está nesse ambiente foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Paisagístico de Ibitité, ato publicado em 15 de janeiro de 2003 no Minas Gerais - caderno I - com o Extrato do Decreto n.º 1.895, 27/12/2002. O espaço está dividido em três salas: Sala Helena Antipoff, onde há documentos textuais, bibliográficos, iconográficos e tridimensionais que dizem sobre a trajetória de vida de Antipoff; sala de processamento técnico, e consulta ao acervo e sala de consulta ao acervo onde é feito o levantamento, seleção e organização dos artefatos; sala de exposições, que detém uma exposição da trajetória de Helena Antipoff.

O memorial abriga fotografias, documentos e medalhas recebidas por Helena Antipoff, é aberto para visitação e consulta e não é permitido nenhum tipo de empréstimo do material exposto. Dentre o rico acervo presente no Museu Helena Antipoff, alguns materiais que dizem respeito às práticas pedagógicas estabelecidas por Helena Antipoff são peça chave do entendimento acerca de sua ação educativa. Cita-se: *escrita em diários, criação de clubes e escrita em cadernetas*. Considerando-

se a educação como sendo um dos mais incisivos fatores na transformação radical do meio físico e espiritual, a formação e o aperfeiçoamento dos educadores deveria se dar como um forte incremento para que neles a sociedade possa encontrar guias seguros para a população infantil e para os milhões de adultos, abandonados no campo à sua própria sorte.

Práticas Educativas da Helena Antipoff como Referências Culturais do Município de Ibitaré

Conforme atesta Andrade (2006), a Reforma Francisco Campos e Mario Casasanta que surge em 1927 apresentava preocupação com a formação regular do professor para ensino rural, dando atenção ao ensino primário e normal. Corroborando com as ideias de Andrade (2006) e com o Ruralismo Pedagógico (corrente de pensamento que teve como objetivo a propagação de uma escolarização que tornasse o homem integrado e fixado ao campo) os processos pedagógicos deveriam ser ativos e haver a difusão racional do ensino rural.

É nesse contexto que a educadora Helena Antipoff desponta no papel de nortear as práticas de formação dos docentes para o ensino rural. Segundo Andrade (2006), o pensamento filosófico-pedagógico de Helena Antipoff destacava a ênfase na atividade e na autonomia do educando; na atitude democrática; no respeito à diferença; na fé na ciência como instrumento de melhoria de vida e na integração entre a escola e a vida prática cotidiana. Além disso, o trabalho pedagógico deveria ser desenvolvido por meio do método de projetos, em que buscava-se tornar mais significativa a aprendizagem. Assim, as práticas de formação se baseavam na experimentação natural (LAZURSKY, 1910) e a didática deveria ser menos “livresca”, baseada na prática com explicação e aplicação.

Helena Antipoff tinha um dos fundamentos de sua prática na escrita de diários pelas futuras professoras. Nossas análises das escritas nos diários evidenciaram a existência de um padrão estrutural: as alunas deveriam registrar manifestações do tempo, as atividades realizadas e os acontecimentos do cotidiano. Ao final de cada relato, elas manifestavam sua subjetividade por meio da escrita de um fato alegre ou triste. Após a escrita nos diários coletivos, acontecia o exercício de leitura em voz alta do que haviam registrado. Essa leitura ocorria no horário das refeições, o que apresentava mais uma forma de socialização do grupo.

Os diários representavam importante dispositivo de formação do futuro professor, porque desenvolviam o hábito de observação. Eles tinham preocupação com o corpo, com a socialização e com o “aprender fazendo”, princípio caro a pedagogia antipoffiana. Nesse contexto, a escola recebia papel de instituição formadora moral, cultural e profissional de futuros professores rurais. As práticas (religiosas, culturais, cívicas e sociais) no campo formativo teriam o papel de formar os professores enquanto seres humanos e seriam voltadas para aquisição de técnicas e hábito de trabalhos, para a ampliação de conhecimentos e para o desenvolvimento de hábitos de estudo e trabalho em equipe. Os diários deveriam acostumar os jovens na atenção à quantidade de fatos, elencando sua maior ou menor importância. Buscavam também proporcionar momentos de meditação sobre as relações interpessoais, auxiliando na formação de bons hábitos de observação e pensamento lógico disciplinado.

Para Antipoff (1948), a finalidade dos diários era de que os professores atuando em suas comunidades, levassem a prática de escrita para seus alunos, em que ele se tornaria instrumento de conhecimento dos educandos e seus interesses, o que acarretaria um melhor atendimento às suas

necessidades. As leituras dos relatos nos diários foram passíveis de uma análise onde pôde ser verificada a repetição de algumas práticas. Citam-se práticas de formação enquanto seres humanos: as missas, rezas de terço, comemoração de datas típicas, ginástica, leitura dos diários, instituições escolares; práticas para o desenvolvimento de técnicas de trabalho como limpeza, trabalho de cuidado com a horta, jardim e animais; e práticas para ampliação do conhecimento como tempo para estudo, excursões, festas e participação nos clubes.

Andrade (2006) afirma que Festa do Milho, instaurada por Helena Antipoff, é uma prática do Município até os dias atuais, e teve como objetivo principal em sua gênese o estímulo do amor ao campo, servindo como recurso pedagógico e buscando incluir o homem no meio ao qual está inserido, além da criação de insumos e ferramentas para o trabalho no campo. Já os Clubes formados na Fazenda do Rosário, identificados nos diários e analisados, se constituíam como atividades extraclasse destinadas ao alcance dos fins pedagógicos propostos pela escola, com o intuito de desenvolver nas alunas o espírito de iniciativa, cooperação e comportamentos democráticos, valores cívicos e sociais compatíveis com uma sociedade democrática. As alunas escolhiam à qual clube pertenceriam, podendo participar de um ou mais clubes. As atividades realizadas nos clubes envolviam quase sempre prestação de serviços à comunidade que residia próxima à Fazenda do Rosário. Os clubes eram classificados e descritos da seguinte forma:

“Clube Agrícola – É uma das atividades mais capazes, a contribuir para o desenvolvimento do meio rural, pela valorização do ambiente. É, pois, através de nosso Clube que estamos aprendendo a cultivar a terra de um modo racional, a conhecer o grande valor da agricultura para que futuramente saibamos incutir no espírito de nossos alunos, o amor à terra e um trato carinhoso às plantas e aos animais, para obterem a subsistência sua e de sua família. O clube se reúne quinzenalmente para apresentação de relatórios, trabalhos realizados, comentários, sugestões e apreciação do resultado financeiro. É através desses trabalhos que adquirimos as primeiras noções de responsabilidade, de cooperação numa atividade coletiva, a qual nos desperta também o interesse pelos trabalhos lucrativos, inspirando-nos o gosto pela vida no campo e, por conseguinte, transformando os nossos ideais que, por falta de orientação, eram voltados para as atrações da cidade. (Ilza Ferreira Diniz, *Jornal Juventude Ruralista*, Ano III, No XVII, 1952)

Grêmio Literário – O principal objetivo do Grêmio é desenvolver o gosto pela língua, promovendo o seu apuro e enriquecimento. Vale-se para isso, da biblioteca que possui quase mil volumes. O Grêmio Literário mantém o jornal da Escola “*Juventude Ruralista*”, criado em 1949 (ano da fundação da Escola). Esse jornal foi a princípio, manuscrito. Hoje é datilografado e ilustrado pelas alunas.

Clube Esportivo – Este é o único clube que percebe dos sócios uma contribuição mensal, para a compra de material esportivo. Reúne seus sócios aos sábados, para treinos das diversas modalidades de jogos, ou simplesmente para recreação.

Clube de Economia Doméstica – ou “*Dona de Casa*”, trata da fiscalização do trabalho de limpeza e da cozinha. Prepara pratos novos. Colhe sugestões para a melhoria do trabalho e transmite-os a diretora da Escola.

Clube de Matemática – proporciona estudo em conjunto ou em turma, de acordo

com a preferência dos alunos. Dá oportunidade aos alunos mais adiantados de fazerem outros estudos além do que é exigido no programa normal e, cooperar com os alunos mais fracos na matemática, para que estes alcancem melhor nível.

Clube de Geografia – não promove reuniões regulares, visa um estudo mais perfeito da geografia, incumbe-se da distribuição de assuntos geográficos que são recortados de jornais; da confecção de mapas necessários aos diversos estudos geográficos, organiza programas de estudos para excursões, etc.

Clube Espiritual – foi criado pelas alunas. Não se reúne em ocasiões determinadas, mas, quando se faz necessário, sob a orientação de uma professora conselheira. Este clube cuida da formação moral e espiritual de seus sócios” (Iolanda F. Marcondes, *Jornal Juventude Ruralista*, Ano III, n. XVII, 1952 *Apud* Andrade, 2006, p. 132)

Também foram analisadas as cadernetas das alunas dos cursos de aperfeiçoamento que também eram oferecidos na Fazenda do Rosário, sob coordenação de Helena Antipoff. Essas cadernetas continham 50 páginas e serviam como ferramenta de avaliação do curso de Aperfeiçoamento por parte das alunas. As cadernetas tinham o papel de tornar possível às alunas a reflexão das práticas tidas durante o curso e suas contribuições para a formação das professoras-alunas, servindo também de material de apoio para futuras consultas ao decorrer das práticas escolares. Além disso, as cadernetas auxiliavam na melhoria do curso, visto que, as alunas registraram suas apreciações e sugestões de mudanças. Em caráter obrigatório, nessas cadernetas as alunas faziam registros sobre as percepções acerca do curso, sobre o relacionamento com professores e alunos, sobre as disciplinas e práticas que mais as interessavam, e teciam um panorama geral da estadia no curso.

Conforme explicitado por Pincer (2008) e averiguado nas análises, todas as cadernetas continham os seguintes itens: 1) *Primeiras orientações sobre o curso nas palavras de Helena Antipoff; Dados individuais do autor da caderneta*, 2) *Primeiras impressões do autor sobre o ISER (reflexões e período de adaptação)*, 3) *Cargos ou funções desempenhadas durante o curso*; 4) *Diários que foram feitos e em quais páginas estavam os relatos*; 5) *Avaliação do espaço do curso*; 6) *Avaliação sobre a organização e práticas do curso (atividades, clubes, exercícios, trabalhos executados, datas comemorativas, higiene, horário)*, 7) *Professores e demais colegas com maior influência*; 8) *Sugestões para melhoramento do curso*; 9) *Reflexões sobre a influência que o curso trouxe na vida do aluno*; 10) *Atividades que pretendiam levar para o campo de atuação quando regressassem às escolas*.

As cadernetas apresentavam um texto inicial nos dizeres Helena Antipoff, conforme transcrição realizada, a saber: “*Esta caderneta acompanhará você em suas atividades no ISER. Em passeios e diversões, em exercícios livremente escolhidos, em atividades comuns a todos os companheiros ou através de cargos de confiança e de destaque conseguidos por seu mérito pessoal. Ela refletirá com fidelidade sua passagem por este instituto. Quando terminar sua estada neste pedaço do Brasil, que é útil a você, quando já não estiver mais no meio dos rosarianos, ficará de você um retrato singelo e a lembrança daquele período de sua existência em que colaborou com o ISER em prol de um Brasil mais próspero e de um mundo melhor. Se você desejar tirar uma cópia desta caderneta, nós nos aconselhamos, pois poderá servir de lembrança e sugestão para semelhante registro em sua escola.*”

Enfim, este trabalho nos possibilitou inferir que as práticas implementadas por Helena Antipoff na Fazenda do Rosário tinham como objetivo inserir os alunos nas atividades propostas de modo a possibilitarem que estes se sentissem parte do processo de maneira democrática, crítica e reflexiva. A escrita nos diários e nas cadernetas diz muito sobre essas características, uma vez que permitiam essa reflexão mais aprofundada sobre o que era proposto e sobre a vida no dia-a-dia e serviam de instrumento de consulta para repensar e reelaborar aquilo que considerassem adequado para adaptação em sala de aula com seus próprios alunos. O valor democrático dos clubes também é um ponto forte para se pensar essas práticas, considerando a responsabilidade das alunas para manutenção das propostas pedagógicas e resultados de trabalhos sociais na Fazenda do Rosário.

Diálogo entre as Práticas Pedagógicas da Helena Antipoff e o Texto Expográfico do Museu Helena Antipoff

Levando em consideração as práticas pedagógicas realizadas por Antipoff, identificadas em nossas análises dos materiais pedagógicos utilizados, buscamos refletir sobre a maneira como essas práticas são abordadas pelo Museu Helena Antipoff enquanto referência cultural e patrimônio imaterial do município de Ibirité, em face a condução e disposição dos objetos históricos expostos no museu.

Para tal tarefa, partiremos do texto expográfico construído pelo acervo do museu Helena Antipoff. Conforme atesta Voltolini (2019), a expografia é um conceito de 1993 cunhado por André Desvallées, que “refere-se às técnicas voltadas para concepção, organização e manutenção do espaço expositivo.” (VOLTOLINI, 2019, p.70). Assim, para o autor:

A expografia então, através de abordagens como circuito expositivo, iluminação, cores, suportes, sinalização, tecnologias midiáticas, textos, ambientes, comunicação visual, entre outros, visa estabelecer uma forma de linguagem entre os objetos expostos e o visitante, estabelecendo aí, uma relação entre ambos. Através desta relação entre o sujeito (visitante) e o objeto, a comunicação do discurso a qual a exposição se propõe, pode ocorrer. (VOLTOLINI, 2019, p. 70)

Nesse sentido, os elementos organizacionais dos objetos históricos presentes no museu, bem como a estruturação visual destes, dão palco para a inferência das práticas pedagógicas realizadas por Helena Antipoff. Observou-se ênfase nos diários, cadernetas, cartas e obras de Helena Antipoff, identificados logo na entrada da sala de exposições. De maneira implícita, sem a ajuda da exposição orientada – por meio da linguagem não verbal – esses objetos fornecem subsídios para entendermos as atribuições dadas aos alunos e professores, tão caras as práticas antipoffianas. Além da ênfase nesses objetos, existe a presença de escritos dispostos nas paredes que contam aspectos da história da chegada da educadora russa a Ibirité e de sua trajetória.

A exposição mediada segue um roteiro de planejamento que varia de acordo com a faixa etária. Assim, o(a) orientador(a) responsável por mostrar todo o acervo apresenta as informações de maneira que seja possível compreender sucintamente toda a vida e obra de Antipoff e seus feitos para o município de Ibirité. Partindo de tal pressuposto, é possível entender que a verbalização do “texto” expográfico é o que dá forma à compreensão contundente das práticas pedagógicas de Helena Antipoff. É por isso que as atribuições de sentido das práticas pedagógicas em relação àquele material, só se realizam mediante à explanação de sua biografia. (YASSUDA, 2009)

Dessa forma, o objeto de museu demonstra não ser apenas uma representação física da memória, operando como um elo entre o passado e o presente. Reverte-se a ele outra função, a de fonte ou suporte de informação. O fato de ter sido escolhido para ser preservado entre tantos outros que não o foram, e colocado fora do circuito da utilidade prática, prestando-se a uma nova função simbólica, a de representar, faz dele uma espécie de “reliquia” em que espectadores curiosos e sedentos de informação tentam identificar algo em suas bagagens de conhecimento prévio. (YASSUDA, 2009, p.72)

Assim, o museu Helena Antipoff assume o papel de mediador entre o visitante e o acervo, criando oportunidades para despertar nos visitantes a curiosidade pelo conhecimento presente naqueles objetos e, a partir deles, tecer reflexões sobre os modelos educacionais e pedagógicos da pedagogia antipoffiana e seu legado cultural. Assim, nosso estudo de cunho exploratório constatou que o texto expográfico do Museu Helena Antipoff contribui para a identificação por meio dos visitantes das práticas pedagógicas de Helena Antipoff, trazendo subsídios para a valorização e o resgate da memória das práticas construídas pela psicóloga e educadora russa. Além do reconhecimento de suas práticas como parte da História nacional nas áreas de Psicologia e Educação, o texto do Museu Helena Antipoff valoriza os conhecimentos construídos coletivamente por comunidades brasileiras em contexto rural, e viabiliza um espaço para encontro de tempos e entrelaçamento de memórias. As exposições mediadas e projetos desenvolvidos neste espaço de conhecimento apresentam possibilidades de alinhamento à recente proposta de Educação Patrimonial e concepção de referências culturais, viabilizando um contato direto e alinhamento dos objetos geradores desta narrativa às experiências materializadas em fontes escritas.

Considerações Finais

Esse trabalho buscou revelar como as práticas de Helena Antipoff podem de fato ser consideradas referências culturais no Município de Ibirité por seu caráter democratizador e libertador, e por incluir os sujeitos nos locais aos quais estavam inseridos. Nesse sentido, constatamos a ênfase dada por Helena Antipoff às atividades que desenvolviam autonomia, atitudes democráticas, respeito às diferenças, fé na ciência como instrumento de melhoria de vida, integração entre a escola e vida cotidiana. Para ela, o ensino deveria fazer com que o homem se adaptasse ao meio em que se insere. A escrita nos diários, assim como das cadernetas, também foram importantes dispositivos de formação, pois contribuíram para o desenvolvimento de habilidades de pesquisa e observação. Já os clubes formados na Fazenda do Rosário tiveram importante papel no desenvolvimento de comportamentos democráticos pelos jovens.

A leitura do “texto” expográfico do Museu Helena Antipoff também nos permitiu aferir sobre como as práticas de Antipoff têm sido tratadas conforme a exposição e explanação dos objetos de memória presentes no museu. Pudemos perceber que a maneira como a visita é conduzida, possibilita a compreensão das práticas pedagógicas de Antipoff enquanto um importante instrumento educacional e uma *referência cultural* para o município de Ibirité, que por meio das orientações da educadora e psicóloga Russa puderam traçar trajetórias de respeito e preservação dos bens culturais de natureza imaterial, bem como todo o conhecimento produzido e estudado no contexto rural.

Dossiê:
A História da Arte e das Artes Plásticas nas narrativas sobre curadorias e exposições

O museu Helena Antipoff contribui para a perpetuação da história e das práticas pedagógicas de Antipoff, permitindo o desenvolvimento de críticas e a formulação de inferências sobre os modelos seguidos ao longo dos anos na área da Educação no Brasil, e como as atribuições dadas aos educadores até 1974 eram seguidas com vista a formar exímios profissionais da educação.

À título de conclusão, é notória a influência que essa educadora teve na vida dos cidadãos ibiritenses, tornando esses indivíduos aptos para atuação no campo, valorizando sua cultura e resgatando a memória de tradições e valores da cidade. Desse modo, é importante que o Museu continue assumindo seu papel de preservação, pesquisa e comunicação dessas práticas que contribuem para o reforço das memórias e dos laços de pertencimento dos sujeitos de Ibirité, bem como para a continuidade do legado da Helena Antipoff nas práticas educacionais locais e no Brasil.

Referências Bibliográficas:

- ABREU, Marta e CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ANDRADE, Luísa Teixeira. O ensino de História e os museus: análise de uma experiência educativa realizada no Memorial Minas Gerais Vale In: *Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História (ENPEH)*, 2017.
- ANDRADE, Mariza Guerra de. O patrimônio na perspectiva da Diversidade. In: *Livro I Produção de Materiais Didáticos para a Diversidade: Práticas de Memória e Patrimônio numa perspectiva interdisciplinar*. Labepeh/UFMG-Secad/MEC- CAED/UFMG, 2010
- ANDRADE, Therezinha. *O que os diários revelam: Práticas de formação de professoras para a escola rural, curso Normal Regional Sandoval Soares de Azevedo – Ibirité, Minas Gerais, 1956 -1959*. 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Cap. 6. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_AndradeT_1.pdf&ved=2ahUKEwjhpKiulejvAhVrK7kGHRCqCL8QFjAAegQIAxAC&usq=AOvVaw1yN7WJD33UzAuQjpsdP_tf. Acesso em: 12 ago. 2019.
- CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó: Argos, 2006. 135 p.
- CORSINO, Maria. *Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto*. - Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FICHAS DE INVENTÁRIO: Ibirité/Minas Gerais inventário de proteção ao acervo cultural estruturas arquitetônicas e urbanísticas. Não publicado
- IEPHA/MG, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. *Manual de diretrizes para a Educação Patrimonial*. Belo Horizonte, MG, 2009
- LUZINETE; Rita. *Conhecendo minha cidade*. Ibirité: Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. [s.d] Não publicado
- MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI, Vicente; GALLO, Paulo Rogério; NETO, Modesto Leite Rolim; REIS, Alberto Olavo Advincola. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista Escola de Enfermagem USP*, 2014
- NASSIF, L.; NUNES, M. T. *Formação de professores: diálogos com a experiência antipoffiana*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2008
- PEREIRA, J. S; SIMAN, L. M. C.; COSTA, C. M. e NASCIMENTO, S. S. (2007). *Escola e Museu: diálogos e Práticas*. SUM SEC. Belo Horizonte
- PINCER, Valeska de Mello. *A formação de professores nos cursos de treinamento e aperfeiçoamento do Instituto Superior de Educação Rural - ISER - Fazenda do Rosário: 1955 – 1970*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Cap. 3. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_PincerVM_1.pdf&ved=2ahUKEwiPopKXnjvAhVqIbkGHYZ0CjMQFjAAegQIBBAC&usq=AOvVaw03eVjhV_uI3BeZ2A6YUicY&csid=1617664880714. Acesso em: 12 set. 2019.
- PINHEIRO, Irene de Melo. *O Município de Ibirité* 1.ed. Ibirité: Imprensa Oficial 1990, 307 p.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE IBIRITÉ. *Relatório Setor de Patrimônio Histórico*. Ibirité, 2017
- REIS, Carlos Roberto dos. *A inauguração da Estrada de Ferro Central do Brasil E.F.C.B. Em Ibirité (1917): A*

Dossiê:
A História da Arte e das Artes Plásticas nas narrativas sobre curadorias e exposições

- Concepção de progressivas transformações na localidade com os impulsos da modernização.* Ibirité: Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. 2005. Não publicado
- SANTIAGO, Ricardo. Da fonte oral à história oral: Debates sobre Legitimidade. *Seculum Revista de História*; João Pessoa, jan/jun, 2008;
- SILVA de, L.V. (1984); *Diretrizes didático filosóficas de Helena Antipoff na formação de recursos humanos para a educação da criança desamparada.* Rio de Janeiro: CNPQ
- SILVA, Lea Valverde da; Orientações para o Desenvolvimento das Atividades Pedagógicas no Curso Normal Regional da Fazenda do Rosário. IN: *Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff.* Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1992
- SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. *Métis: história e cultura*, v. 6, n. 12, p. 3544, jul/dez, 2007.
- SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. *A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores.* Horizontes, v. 33, n. 2, p. 14915 jul/dez, 2015
- VOLTOLINI, Gustavo. *Expografia e Resistência: um estudo de caso da exposição de longa duração do Memorial da Resistência de São Paulo.* 2019. 120 f. TCC (Graduação) - Curso de Museologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Cap. 4. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/204707/TCC%20Final%20A5.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- WATANABE, Hiroshy et al. *Várzea do Pantana. Interação e Transmissão: Uma pesquisa Sociológica.* [S.L]: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de MG (INEPMEC). [s.d]
- YASSUDA, Sílvia Nathaly. *Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista.* Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2009. Cap. 3. Disponível em:
https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93662/yassuda_sn_me_mar.pdf?sequence=1. Acesso em: 20 abr. 2021.